

# QUESTIONAMENTOS E POSSIBILIDADES ENVOLVENDO OS MATERIAIS DIDÁTICO- PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO / APRENDI- ZAGEM EM ARTE <sup>1</sup>

---

*Ana Luiza Emerich Magalhães  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte*

Na área de Artes, os materiais didático-pedagógicos podem se constituir importantes aliados para o ensino/aprendizagem. Apesar dessa importância, ainda há uma escassez de referências teóricas sobre o assunto (LOYOLA, 2016), sendo que só muito recentemente essa temática começou a ser valorizada em termos de pesquisa no campo científico. (TEUBER, 2016)

Essa valorização permite que sejam encontradas publicações que abordam a temática dos materiais didático-pedagógicos em suas várias dimensões, como, por exemplo, pesquisas que envolvem a avaliação das características

de determinados livros produzidos por editoras que atuam no mercado (VALARINI, 2016); relações entre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e os materiais didáticos (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008); criação de materiais didáticos no contexto da formação docente. (HOFSTAETTER, 2015)

Tendo isso em vista, este artigo apresenta algumas reflexões levantadas por produções no campo da pesquisa em Arte que estejam de algum modo relacionadas aos materiais didático-pedagógicos. Apresenta, também, reflexões propostas por outras áreas de conhecimento que possam contribuir para pensar os materiais didático-pedagógicos de um modo geral, inclusive em Arte. Por último, tendo em vista a pertinência do protagonismo do professor de Arte em relação às escolhas que envolvem esses materiais, o artigo traz, ainda, algumas considerações sobre possíveis “formas de ver” esses materiais por parte dos professores, sobre a atuação e a formação dos mesmos.

O conteúdo presente neste artigo está relacionado ao desenvolvimento da pesquisa de mestrado *Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte*. Essa é uma pesquisa de caráter exploratório que visa investigar as relações que professores e alunos de escolas de Educação Básica da Região Metropolitana de Belo Horizonte estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte. Busca, ainda, fomentar a discussão sobre o assunto e formular propostas pertinentes ao uso e à elaboração desses materiais. Destaca-se que a mesma pretende se constituir base teórica que contribua com o ensino/aprendizagem em Arte de modo geral, mas que o foco da investigação, principalmente no que tange à coleta e à análise de dados, se dará no campo das Artes Visuais, área de formação das pesquisadoras envolvidas.

As relações dos professores com os materiais didático-pedagógicos estão sendo e serão investigadas por meio de questionário voltado para os professores, entrevista semiestruturada com os mesmos e observação da prática docente. Já as relações dos alunos com esses materiais, devido ao tempo destinado à pesquisa de mestrado, estão sendo e serão investigadas de forma indireta, por meio da percepção dos professores e observação das aulas de Arte na escola.

---

Ainda sobre este artigo, faz-se relevante pontuar duas observações. A primeira observação é que a escolha por se abordar a temática dos materiais didático-pedagógicos em relação à área de Artes como um todo e não em cada campo específico (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) não desconsidera a relevância e a necessidade de se pensar o assunto em cada um dos campos. Essa escolha é consequência: do entendimento de que os campos possuem pontos em comum que podem ser explorados; das pesquisas encontradas na área; do ponto de desenvolvimento em que se encontra a pesquisa motivadora desse artigo. A segunda observação é que a maioria das produções utilizadas para a construção desse texto utiliza-se do termo *material didático*, de modo que algumas vezes se lerá o termo *material didático* e algumas vezes se lerá o termo *material didático-pedagógico*. Esse último reflete o posicionamento das autoras quanto a poder tratar do material como algo mais amplo.

### Considerações a respeito dos materiais didático-pedagógicos

Os materiais didático-pedagógicos acompanham o cotidiano das salas de aula de Educação Básica brasileiras em diversos componentes curriculares. Na área artística, além de livros, equipamentos e computadores, outros materiais, como tintas e pincéis, costumam ser utilizados nas aulas de Arte. Esses materiais estão presentes na sala de aula de forma quase indiscutível, pois é comum atribuir-lhes o papel de potencializar a aprendizagem e contribuir para o processo de construção de conhecimento.

A ideia de que o material didático é uma opção eficiente no que tange ao ensino/aprendizado nas diversas áreas de conhecimento é tão sólida que, por vezes, pode ser vista como elemento central da sua definição.

Para além de questões como as informações contidas no material ou a sua apresentação, é pertinente observar que os materiais didáticos, assim como outros aspectos que envolvem a educação, carregam consigo versões de mundo. Essas versões de mundo estão ligadas às teorias pedagógicas e se refletem tanto nos métodos e metodologias presentes na sala de aula quanto nos materiais didático-pedagógicos.

Em relação ao conceito de material didático e suas funções, Silva, Giorgani e Menotti (2009) consideram quatro teorias pedagógicas: tradicional, da Escola Nova, tecnicista e crítico-social dos conteúdos. Segundo as autoras, na pedagogia tradicional o material didático é concebido como um suporte, algo pronto, cabendo ao aluno assimilar o que nele está posto, sendo o material que determina o que deve ser aprendido. Na pedagogia da Escola Nova, há a introdução de jogos e o aspecto lúdico é considerado. Na pedagogia tecnicista, o professor é o transmissor dos conhecimentos apresentados no material didático, sendo que a importância dos materiais estaria mais no fato de tê-los do que na preocupação com como utilizá-los. Na pedagogia crítico-social dos conteúdos, o material didático precisa ser contextualizado para a realidade dos estudantes, para que possam desenvolver-se intelectual, social e pessoalmente.

Tratando especificamente dos materiais didáticos de Arte, dentre eles os livros, Silva (2009) também aponta para o fato de que os mesmos apresentam versões de mundo e afirma que:

Neles, seleção e organização de conhecimentos se associam para representar visões de arte, para orientar formas de perceber, valorizar, fazer e, até, avaliar arte e imagens. Associam-se, ademais, para representar, criar e anular identidades, falar sobre elas, classificá-las e colocá-las em determinados quadros de arquétipo social e cultural. (SILVA, 2009, p. 12)

Teuber destaca que os materiais didáticos recebem críticas, que não são recentes, por: apresentarem os conteúdos como verdades certas e acabadas; apresentarem um currículo aparentemente neutro e universal; envolver diversos interesses comerciais; dar ênfase no posicionamento passivo por parte do aluno, entre outros. A autora defende a importância de se ampliar as análises e pesquisas sobre materiais didáticos em geral e sobre livros didáticos mais especificamente, já que esses últimos são, muitas vezes, um dos poucos materiais disponíveis na sala de aula para professores e alunos. (TEUBER, 2012)

Assumindo que os materiais didático-pedagógicos apresentam versões de mundo e que, por isso, podem apresentar diferentes relações com o conhe-

cimento, com o professor e com o aluno, faz-se relevante pontuar que algumas críticas apontadas por Teuber podem se aplicar a alguns materiais e não a outros, como é o caso da ênfase na passividade do aluno e a apresentação dos conteúdos como verdades acabadas.

Na contemporaneidade, expandir as pesquisas e análises a respeito dos materiais didático-pedagógicos parece envolver, quase que necessariamente, lançar um olhar para a tecnologia. Isso porque é possível perceber uma crescente utilização de recursos tecnológicos, como programas de computador e *softwares*, recursos audiovisuais, aparelhos portáteis e informática, pensados para o ensino/aprendizagem em diversas áreas.

Essa utilização “tem se colocado como uma exigência no processo de modernização da sociedade e na renovação pedagógica”. (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008, p.57) Isso vem acompanhado da proximidade que o aluno desenvolve cada vez mais cedo com a tecnologia, se tornando uma tarefa cada vez mais difícil ignorá-la, não incorporando-a de algum modo ao cotidiano da sala de aula. Porém, a utilização desses recursos requer cuidados, podendo ser tão negativa quanto a utilização de materiais mais tradicionais, como o livro didático.

No que tange mais especificamente ao ensino/aprendizagem em Arte, faz-se necessário observar que o uso da tecnologia sem propósito não é garantia do desenvolvimento da construção de conhecimento em Arte ou de um pensamento artístico. Os materiais/técnicas tradicionais são mais adequados para alguns trabalhos e estudos e outros meios/tecnologias são mais adequados para outros. A escolha por um ou por outro se dará pela união do desejo, do conhecimento e do bom senso. (PIMENTEL, 2002)

A questão do bom senso e da adequação dos materiais aos trabalhos ou estudos, no que se refere à escolha por meios tecnológicos, envolve, inclusive, as características de certas produções artísticas, sobretudo as mais atuais. Isso porque muitas obras são produzidas a partir do trabalho com o audiovisual, utilizado para pensar instalações que envolvam o movimento e a interação, por exemplo. Trojan e Rodríguez afirmam que os materiais de Arte

devem mostrar a produção artística universal, nacional e local, e que isso significa a necessidade desses materiais não estarem limitados só ao meio impresso, já que a Música, o Teatro e o Cinema, por exemplo, trabalham com recursos que não podem ser expressos de modo integral graficamente. (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008)

### **Materiais didático-pedagógicos e o professor de Arte**

Como já apontado até aqui, há variadas formas de se considerar o material didático-pedagógico. Hofstaetter (2015), por exemplo, expõe o conceito de objetos propositores, entendidos como

elementos de mediação entre sujeitos e produções da arte e da cultura visual, propiciando a experiência estética, a intervenção ativa na construção de pensamento, o posicionamento crítico e o desenvolvimento da imaginação, da fantasia e da capacidade de perceber e interpretar imagens, fatos e fenômenos diversos. (HOFSTAETTER, 2015, p. 610)

Segundo a autora, o material didático pensado como objeto propositor exige o envolvimento direto do professor e dos alunos, exige ação, de modo que todos são responsáveis pelo que é produzido no processo, na interação. (HOFSTAETTER, 2015) Esses objetos propositores podem ser pensados como uma alternativa para o material didático em seu formato mais tradicional: o livro.

Essas formas de se considerar o material influenciam o modo como o professor se relaciona com ele quando da intenção de auxiliar no processo de construção de conhecimento do aluno e, ao mesmo tempo, essas mesmas formas são influenciadas por essa relação estabelecida entre professor e material.

Essas influências podem vir a constituir um processo dinâmico em que os conceitos e possibilidades de materiais são explorados, ampliados e revistos pelos professores ou podem se apresentar como um círculo vicioso em que a relação estabelecida entre professor e material tende a estagnação. Assim, tendo em vista que tudo isso afeta o ensino/aprendizagem no geral e em Arte, é pertinente perguntar de que forma os professores de Arte enxergam os

---

materiais didático-pedagógicos e, ainda, de que forma se enxergam em relação aos materiais didático-pedagógicos.

Para contribuir para pensar essas questões, é possível trazer algumas observações a respeito da relação dos professores com o livro didático de Arte e, com algum cuidado, expandi-las para pensar os materiais em outros formatos, assim como é possível trazer apontamentos levantados em pesquisas de outras áreas de conhecimento.

Denise Valarini aponta que muitos professores enxergam o livro didático como sendo um referencial pedagógico e bibliográfico em vez de enxergá-lo como um manual de ideias. Isso faz com que o trabalho do professor não esteja “fundamentado em bases mais sólidas, em resultados de estudos, em literatura atualizada nacional e internacional” (VALARINI, 2016, p. 24), como seria necessário. Essa visão vem de encontro ao caráter instrumental que costuma ser delegado ao livro didático e a “credibilidade” que comumente é creditado ao mesmo, que é visto por uma parte dos professores como um veículo de conhecimento “verdadeiro” e um objeto que oferece “segurança”. (SILVA, 2009)

Em certos casos, essa “credibilidade” creditada aos livros didáticos é motivo, inclusive, de sensação de perda de autonomia por parte do professor, considerando que o mesmo se sente pressionado a utilizar determinado livro devido a uma política educacional de investimento na aquisição desse material, tido como objeto importante para um ensino de qualidade. (FISCARELLI, 2007)

Partindo do pressuposto de que essa sensação de perda de autonomia está relacionada ao investimento realizado na compra do material, é possível pensar que a mesma não se aplica a materiais que chegam às mãos dos professores de outras formas que não a compra, como no caso de materiais fornecidos gratuitamente por instituições culturais.

Observa-se o aumento na produção de materiais direcionados para os professores oferecidos por instituições pertencentes ao âmbito público e priva-

do, como museus, bienais e centros culturais. Esse aumento acompanha os investimentos que tem havido nos setores de ações educativas, composto por equipes de mediadores culturais. Desse modo, parte dos materiais paradidáticos fornecidos por essas instituições são produzidos a fim de instigar desdobramentos que contribuam para expandir as reflexões iniciadas nas visitas aos espaços pertencentes a essas instituições. (TEUBER, 2016)

Como já apontado anteriormente, é possível pensar que os materiais didático-pedagógicos carregam consigo versões de mundo. Essas versões de mundo podem ser pensadas na perspectiva de discursos. Da mesma forma, é possível pensar na perspectiva do discurso aquilo que o professor diz sobre esses materiais. A esse respeito é importante pontuar

que os professores são produtores de um discurso sobre os materiais didáticos, mas que suas práticas discursivas, suas concepções e sua prática docente refletem também outros discursos já ditos sobre esses materiais. Assim, os professores são sujeitos e objetos de discursos, contribuindo para a construção de um "regime de verdade", mas também gerando novas formas de se olhar para os materiais didáticos, no contexto do cotidiano escolar. (FISCARELLI, 2007, p. 7)

Essas novas formas de se olhar para os materiais didático-pedagógicos podem ser fruto, inclusive, das próprias contradições existentes entre o que o professor diz sobre esses materiais e sua prática pedagógica.

A maneira por meio da qual o professor de Arte interage com os materiais didático-pedagógicos está relacionada à forma com que ele enxerga esses materiais, mas está, também, relacionada à forma como esse próprio professor se vê. Isso porque, dependendo da forma como ele se vê, se enxergará capaz ou não de estabelecer uma relação autônoma de diálogo com esses materiais, considerará ou não que é sua função elaborar e investigar formas de se apropriar deles.

Apesar de enquadrado em uma ampla denominação, "Professor de Arte", esse indivíduo pode entender a sua atuação de inúmeras formas. Tendo isso em vista, pode-se citar algumas, dentre várias, formas de atuação do profes-

---

sor de Arte: o artista-professor, o professor-artista-propositor e o professor-pesquisador.

O artista-professor é, segundo Vasconcelos (2007), um professor pensando a aula como uma “obrasistema”.

Assim:

Numa sala de aula de arte, por exemplo, podemos considerar como elementos ou agentes desta obrasistema o artista-professor e suas proposições (pedagógicas-artísticas), os alunos (espectadores) e suas participações, a sala e seus equipamentos, o meio que a envolve e o contexto como um todo, político, educacional, social, etc. Todos estes agentes interferem-se por retroação; todos se contaminam entre si, modificando-se enquanto significado. (VASCONELOS, 2007, p. 795)

O conceito de professor-artista-propositor é apresentado por Fernandes (2009) como sendo alguém que elabora propostas artísticas que dependam da participação dos seus alunos. Esse professor escolhe as estratégias metodológicas de acordo com a necessidade de seus alunos e busca proporcionar experiências que contribuam para o aprendizado deles. (FERNANDES, 2009)

Além do artista-professor e do professor-artista-pesquisador, há ainda o professor-pesquisador. Para Paulo Freire (2011), o professor e o pesquisador são aspectos indissociáveis.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reaprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indaguei e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, p. 30)

O professor de Arte, enquanto artista-professor e/ou professor-artista-propositor e/ou professor-pesquisador, possui características que podem potencializar a sua ação na elaboração, apropriação e reinvenção de materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

O artista-professor, por exemplo, enquanto detentor de um envolvimento estético com a arte, possui maiores oportunidades de “pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico”. (LOYOLA, 2016, p. 15)

O professor-pesquisador pode, por meio da busca constante, pesquisar variadas fontes de informação, desenvolver suas próprias metodologias e elaborar e construir materiais didático-pedagógicos que dialoguem com as metodologias que desenvolve.

Já o professor-artista-propositor, sendo alguém que escolhe as estratégias metodológicas que mais se adequem a necessidade dos seus alunos (FERNANDES, 2009), pode elaborar materiais didático-pedagógicos que dialoguem com o cotidiano dos mesmos. Isso por vezes se faz necessário, pois um material pensado para um determinado grupo de alunos pode não despertar o interesse de outro grupo. (LOYOLA, 2016)

Esse professor-artista-propositor, enquanto alguém que propõe interações com obras e práticas pedagógicas de forma aberta, pode pensar em materiais que explorem experiências anteriores dos alunos e impulsionem novas experiências. Tem-se que é das experiências anteriores que depende qualquer aprendizado, inclusive em Arte, já que se aprende através da reconstrução da experiência, pois “toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes”. (DEWEY, 1971, p. 26) Deste modo, sendo afetada por experiências passadas, cada experiência é única. Dois alunos que passam pela mesma situação terão experiências distintas e construirão conhecimento de maneiras diferentes.

Essas experiências que envolvem o contexto escolar, e que podem envolver os materiais didático-pedagógicos, podem ser pensadas na perspectiva da experiência significativa, proposta por John Dewey. Segundo o autor, a experiência é resultado da interação entre o ser vivo e as condições ambientais. Porém, muitas vezes, há distração e dispersão nessas experiências de modo a não se constituírem uma experiência significativa. A experiência sig-

---

nificativa é completa, como a experiência de ter vivenciado uma tempestade em determinado momento da vida, que faz com que o referencial de tempestade seja sempre aquela tempestade.

Segundo Jorge Larrosa Bondia, outro autor que aborda a questão da experiência, ter uma experiência é diferente de ter informação sobre determinado assunto. A experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (BONDIA, 2002, p. 21) O fato de se ter uma informação, somente, não é certeza de se ter uma experiência.

Os materiais didático-pedagógicos podem conter diversas informações e essas não ajudam a proporcionar experiências significativas. Dessa forma, nem as informações nem os materiais em si estarão contribuindo para a construção de conhecimento em Arte, uma construção que, assim como em qualquer outra área de conhecimento, supõe o acesso à informação e a ocorrência de um movimento interno que torne a informação significativa, tornando possível a tomada de decisões com base nos próprios pensamentos e autonomia da vontade. (PIMENTEL, 2013)

Os conceitos de artista-professor, de professor-artista-propositor e de professor-pesquisador envolvem características que podem ser agrupadas em um termo mais amplo: o professor/artista/pesquisador. Como professor/artista/pesquisador, o papel de professor de Arte pode envolver o exercício da prática, da pesquisa e do pensamento artísticos, o que estimula e potencializa ideias e ações para o trabalho do professor de Arte. (LOYOLA, 2016)

Nesse contexto, no qual podem ser percebidas diversas formas de se pensar a atuação do professor de Arte, faz-se pertinente pensar a formação desse professor, apontando para a relevância de se instigar a reflexão sobre os materiais didático-pedagógicos já durante essa formação.

Teuber (2016) alerta que é muito frequente que os cursos não destinem tempo suficiente para lidar com a questão dos livros didáticos e que não in-

centivem os alunos a investigar sobre os materiais didáticos ou paradidáticos existentes. Esse apontamento é direcionado mais especificamente para o campo das Artes Visuais e, principalmente, para o livro didático, mas pode ser pensado para os outros campos artísticos e para outros materiais que não o livro didático.

Uma possibilidade que está sendo traçada para se pensar a formação do professor de Arte já foi citada anteriormente: a formação de professores/artistas/pesquisadores. A formação de

professores de Arte que sejam aptos a colaborar na tarefa de transformar o conjunto de conhecimentos e experiências em algo apreendido e aprendido como valor. Professores/artistas que sejam capazes de criar, produzir, pesquisar, teorizar, educar, provocar, refletir, construir trajetórias e aceitar desvios. (PIMENTEL, 2011, p. 767)

O curso de formação inicial pode se constituir solo fértil para despertar no professor tanto a vontade de ser professor/artista/pesquisador quanto a consciência da necessidade de buscar uma constante formação, não só em cursos de formação continuada, mas participando de atividades artísticas, encontros e discussões da área, frequentando espaços culturais da cidade em que mora e alimentando a sua poética pessoal. (VALARINI, 2016) Por meio do curso de formação é possível, ainda, despertar nos futuros professores a noção de que as ações do professor/artista/pesquisador também podem se formar na prática diária da sala de aula.

### **Algumas considerações**

O campo da pesquisa em materiais didático-pedagógicos de Arte no Brasil está em desenvolvimento. Pesquisas referentes aos materiais de outras áreas de conhecimento podem contribuir para se pensar os materiais para ensino/aprendizagem em Arte. Porém, é importante que se desenvolvam pesquisas em que sejam pensados especificamente os materiais didático-pedagógicos para essa área, pois os mesmos possuem suas particularidades, que são próprias da necessidade da fruição e do fazer artísticos.

Cada material didático-pedagógico traz consigo “modos de ver” o ensino, a aprendizagem, a arte, o professor e o aluno. Da mesma forma, cada professor e cada aluno possuem “modos de ver” únicos sobre esse material. Apesar dessas relações únicas, é importante destacar que a potência dos materiais didático-pedagógicos enquanto aliados no ensino/aprendizagem em Arte só se concretiza, tornando-os auxílio efetivo na construção de conhecimento, se professores e alunos se apropriarem desses materiais, estabelecendo relações que vão além de considerá-los um simples apoio para o desenvolvimento das aulas. Caminhando na busca por descobri-los múltiplos.

## Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Tradução João Wanderley Geraldi. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rdedu/n19/.pdf>. Acesso em 15/06/2016.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. e estudos preliminares Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. *Professor-artista-propositor: arte e vida em sala de aula*. 2009. 224 f. Dissertação (Linha de Pesquisa: Teoria e Crítica de Arte) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 20 /07/2017.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Material didático e prática docente. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. Araraquara, v.2, n.1, p.1-9, 2007. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454>. Acesso em 27/02/2018.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Pensando os objetos no ensino a partir dos estudos foucaultianos. *Educação e Fronteiras On-Line*, Doura-

dos/MS, v.6, n.17, p.176-189, maio/ago. 2016. Disponível em <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/5794/2957>. Acesso em 27/02/2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOFSTAETTER, Andrea. Possibilidades e experiências de criação de material didático para o ensino de artes visuais. *Anais do 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, setembro de 2015, Santa Maria, RS ; SANTOS, Nara Cristina Santos [et al.] (orgs.). Santa Maria: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas ; Universidade Federal de Santa Maria, PPGART; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, p.607-622, 2015. Disponível em [http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea\\_hofstaetter.pdf](http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf). Acesso em: 27/02/2018.

LOYOLA, Geraldo Freire. Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 4*. Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFMG, 2011, p.05-14.

LOYOLA, Geraldo Freire. *Professor-artista-professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*. 2016. 113 f. Tese (doutorado), Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Cognição imaginativa. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n.6, p.96-104, 2013. Disponível em <http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118>. Acesso em 24/06/2016.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio (org.). Rio de Janeiro: ANPAP, p. 765-771, 2011. Disponível em [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia\\_gouvea\\_pimentel.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gouvea_pimentel.pdf). Acesso em 27/02/2018.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *Revista ouvirOUver*, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 88-98, jan./jun. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707/17687>. Acesso em 20/02/2017.

PIMENTEL, Lucia G. Tecnologias Contemporâneas e o ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 113-121.

SILVA, Evellyn Ledur da, GIORGANI, Estela Maris. Aprendizagens de Professores e alunos com materiais didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental. *Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE* (26 a 29 de outubro de 2009). PUCPR, p.8079-8099. Disponível em [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3081\\_1983.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3081_1983.pdf). Acesso em 27/02/2018.

SILVA, Evellyn Ledur da; GIORGANI, Estela Maris; MENOTTI, Camila Ribeiro. As tendências pedagógicas e a utilização dos materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem. *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: história, sociedade e educação no Brasil*. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, p. 1-22, 2009. Disponível em [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/qMP2rpp.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/qMP2rpp.pdf). Acesso em 27/02/2018.

SILVA, Gisele Costa Ferreira da. *Livros didáticos para o ensino de arte: diálogos, práticas e (des)caminhos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009, 119p. Disponível em [https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2009\\_Gisele\\_Costa\\_Ferreira\\_da\\_Silva.pdf](https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2009_Gisele_Costa_Ferreira_da_Silva.pdf). Acesso em 27/02/2018.

TEUBER, Mauren. Materiais didáticos destinados a professores de artes visuais: questões para a pesquisa e para a formação do professor. *Anais do III Encontro do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Formação Continuada*. Faculdade de Artes do Paraná - Curitiba/PR. 2012. Disponível em [http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/MAURENTEUBER\\_RESUMO.pdf](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/MAURENTEUBER_RESUMO.pdf). Acesso em 27/02/2018.

TEUBER, Mauren. *Relações entre Ensino, Práticas Artísticas e Pesquisa: Princípios Didáticos para a Formação do Professor de Artes Visuais*. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.140 p. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/51727>. Acesso em 27/02/2018.

TROJAN, Rose Meri; RODRÍGUEZ, Jesús Rodríguez. Os PCN's e os materiais didáticos para o ensino aprendizagem da arte: o que propõem? *Linhas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 49 - 71, jan. / jun. 2008. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1397/1194>. Acesso em 27/02/2018.

---

VALARINI, Denise. *Livros didáticos de ensino de arte: avaliação e análise crítica*. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP. Campinas, SP:[s.n], 2016, 99p. Disponível em [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/304762/1/Valarini\\_Denise\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/304762/1/Valarini_Denise_M.pdf). Acesso em 27/02/2018.

VASCONCELOS, Edmilson Vitória de. *As poéticas pedagógicas do artista-professor*. In: 16º Encontro Nacional da ANPAP, Florianópolis, 2007. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2007, p. 791-799. Disponível em <http://www.anpap.org.br>. Acesso em 20/07/2017.

ZAMBONI, Sílvio. *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 2012.

## Nota

---

1 Pesquisa desenvolvida sob a orientação da Professora Doutora Lucia Gouvêa Pimentel no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.